

UMA TARDE NO CIRCO
(Calp., *Ecl.* 7, 57-72)
PERSPECTIVAS DIDÁCTICAS

João Beato
Ana Paula Patrão
*Ana Corrêa da Silva**

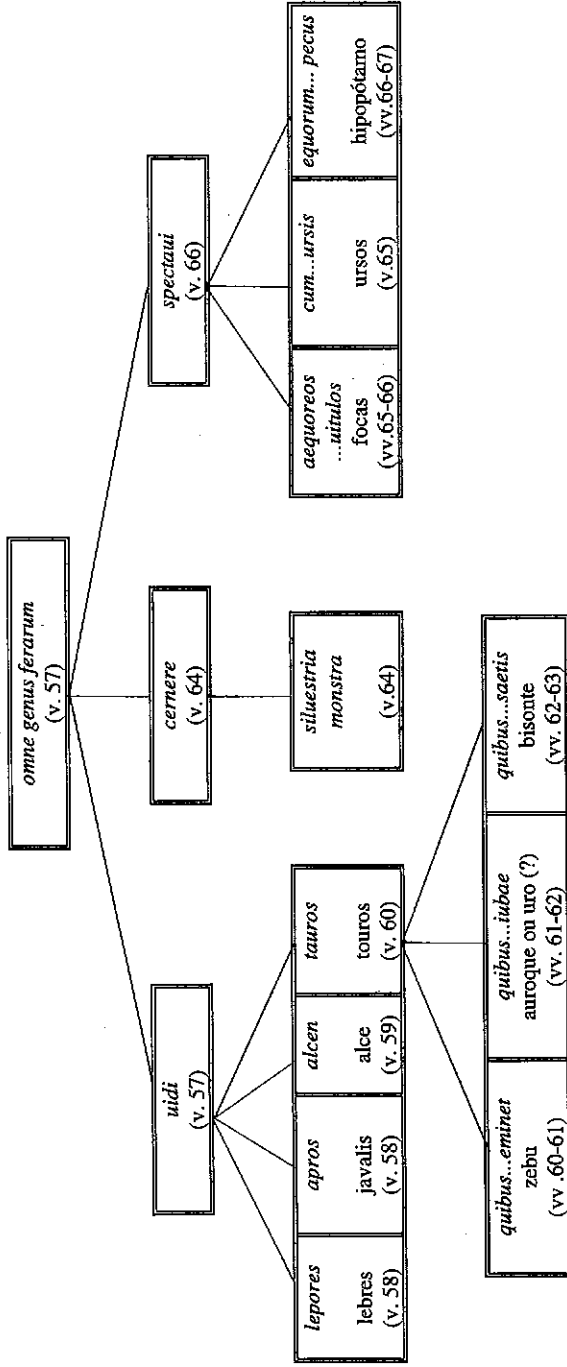
ÉCLOGA VII
(vv. 57-72)

57 Ordine quid referam? Vidi genus omne ferarum,
58 hic niueos lepores et non sine cornibus apros,
59 hic raram siluis etiam, quibus editur, alcen.
60 Vidimus et tauros, quibus aut ceruice leuata
61 deformis scapulis torus eminent aut quibus hirtae
62 iactantur per colla iubae, quibus aspera mento
63 barba iacet tremulisque rigent palearia saetis.
64 Nec solum nobis siluestria cernere monstra
65 contigit: aequoreos ego cum certantibus ursis
66 spectauit uitulos et equorum nomine dictum,
67 sed deforme pecus, quod in illo nascitur amne,
68 qui sata riparum uernantibus irrigat undis.
69 A! Trepidat quotiens sola discedentis harenae
70 uidimus in partes ruptaque uoragine terrae
71 emersisse feras; et in isdem saepe cauernis
72 aurea cum subito creuerunt arbuta nimbo.

Calpúrnio Sículo

* Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BESTIÁRIO CALPURNIANO



Numa hora particularmente fascinante da história humana, como aquela que nos é dado viver, em que os centros de interesse das camadas jovens se bipolarizam em torno do que é antigo¹ e do que é moderno², não podemos deixar de nos sentir interpelados, na nossa qualidade de professores, a encontrar perspectivas didácticas actualizadas que nos permitam transmitir às novas gerações os conhecimentos linguísticos e culturais que nos foram legados pelos textos literários do passado.

A sensação de fascínio e deslumbramento que de nós se apodera quando visitamos um jardim botânico ou um jardim zoológico e nos detemos, por momentos, a observar o exotismo e a raridade das muitas espécies vegetais e animais que aí se encontram é, não raro, a mesma que experimentamos quando fixamos os nossos olhos em determinados textos legados pela Antiguidade Clássica. A raridade e o exotismo que caracterizam algumas das descrições neles contidas são de molde a deixarem -nos atraídos, surpresos e admirados.

Conscientes de que, muitas vezes, o texto não passa de um simples pretexto ou de um mero suporte material para o ensino e aprendizagem das matérias gramaticais, morfológicas ou sintácticas, que se querem transmitir aos alunos, pensamos chegado o momento de modificar esta maneira de proceder. Para isso, torna-se indispensável focalizar o texto como centro gerador de ideias, suscitador de interesses, dinamizador de vontades, susceptíveis de levarem à aprendizagem das referidas matérias, quando e na medida em que estas se revelarem necessárias à sua compreensão. Daí que não seja despicienda a escolha dos textos por parte do docente e a sua utilização por parte do aluno.

Ao escolhermos o texto calpurniano que é objecto desta comunicação, foi nosso objectivo ir de encontro a esta necessidade comumente partilhada tanto pelos docentes como pelos discentes.

Antes de mais, importa sublinhar que estamos diante de um texto de um poeta bucólico, chamado Tito Calpúrnio Sículo, que viveu no séc. I d.C.³ Numa das suas *Bucólicas*, a sétima, que é também a última, o pastor

-
- 1 Recorde-se o entusiasmo suscitado pela vida dos dinossauros de que são testemunho o êxito do *Jurassic Park* de Spielberg, bem como o interesse suscitado pelos vestígios de dinossauros existentes em Carenque ou no Cabo Espichel.
 - 2 Lembre-se a atenção dada ao lançamento do PoSAT 1, em Setembro de 1993, tal como a adesão generalizada à Ecologia e o empenho na conservação e preservação das espécies da fauna e da flora.
 - 3 Não obstante haver autores que situam Calpúrnio Sículo entre o séc.I e o séc.III da nossa era, a opinião mais comum dos críticos actuais é a dos que o situam no séc. I d.C. Cf. J. Beato, *Situação, Análise e Projecção das "Bucólicas" de Tito Calpúrnio Sículo*, (dact.), Lisboa, 1993, pp. 17-22.

Córidon, que a generalidade dos críticos identifica com o próprio Calpúrnio⁴, deixa o mundo campesino que constitui o seu *habitat* natural e desloca-se ao anfiteatro neroniano⁵ situado no coração da *magna Roma*, onde lhe é dado ver um espectáculo nunca presenciado na sua vida de homem do campo, habituado ao florir das plantas, ao crescer dos animais, ao passar dos dias. Assim é que, depois de admirar a grandiosidade, a harmonia e a riqueza do edifício a que se desloca, depois de observar a diversidade, a variedade e a categoria das pessoas que o frequentam, Córidon-Calpúrnio procede à descrição da raridade e do exotismo dos animais que se lhe deparam na arena. Utilizando uma linguagem de *rusticus* e, como tal, possuidor de um código linguístico naturalmente restrito e limitado que desconhece os termos técnicos para designar *genus omne ferarum* (v. 57)⁶ assim como *siluestria monstra* (v. 64), enumera os animais que mais lhe atraem a atenção, ferem a sensibilidade e despertam o interesse. Dentre esses animais menciona nomeadamente:

- as lebres = *lepores* (v. 58);
- os javalis = *apros* (v. 58);
- o alce = *alcen* (v. 59);
- os touros = *tauros* (v. 60);

sob a designação de *tauros* inclui:

- provavelmente os zebus = *quibus aut ceruice leuata ldeformis scapulis torus eminet* (vv. 60-61);
- possivelmente os auroques ou uros = *quibus hirtae liaquantur per colla iubae* (vv. 61-62);
- e certamente os bisontes = *quibus aspera mento/ barba iacet tremulisque rigent palearia saetis* (vv. 62-63)⁷.

4 Cf. L. Herrmann, "Les pseudonymes dans les *Bucoliques* de Calpurnius Siculus", *Latomus* 11 (1952), pp. 34-35; R. Verdière (ed.) T. Calpurnii Siculi, *De laude Pisonis et Bucolica et M. Annaei Lucani, De laude Caesaris, Einsidlensia quae dicuntur Carmina*, Bruxelles, 1954, p. 54.

5 Ainda que nem todos os autores partilhem a opinião de que o anfiteatro descrito por Calpúrnio Sículo seja o mesmo que Nero mandou construir em 57 d.C., a maioria perfilha tal opinião. De resto, aludem a tal anfiteatro Suet., *Nero* 12, 2 e Tac., *Ann.* 13, 31.

6 As citações que fazemos de Calpúrnio são da edição de C. Giarratano, *Calpurnii et Nemesiani Bucolica, Einsidlensia Carmina*, Torino, 1951³.

7 Para identificação destas três espécies de touros, cf., entre outros, R. Verdière, *op. cit.*, p. 207 e p. 264, nn. 600-603; J. Amat (ed.), *Calpurnius Siculus, Bucoliques — Pseudo-Calpurnius, Éloge de Pison*, Paris, 1991, pp. 120-121, n. 166.

Para além destes monstros da selva = *siluestria monstra* (v. 64), Córdon-Calpúrnio pôde ainda observar

- focas = *aequoreos.../...uitulos* (vv. 65-66)
- combatendo com ursos = *cum certantibus ursis* (v.65)
- assim como o hipopótamo = *equorum nomine dictum, / sed deforme pecus, quod in illo nascitur amne, / qui sata riparum uernantibus irrigat undis* (vv. 66-68)⁸.

Identificados que estão, na sua globalidade, os animais que constituem o besteiário calpurniano, passemos então à apresentação de algumas sugestões didácticas elaboradas a partir do texto e visando a sua utilização, tanto na aula como fora dela, por parte de dois tipos de alunos: uns do 2º ano de Latim do Ensino Secundário e outros do 2º ano de Latim do Ensino Superior (Cursos de Línguas e Literaturas Modernas). Ao apresentar tais sugestões é nosso intuito sensibilizar os alunos para a função relevante que os *ludi circenses* desempenhavam na vida do povo romano, aquando do tempo do Império, utilizando o texto em presença numa dupla vertente: a linguística e a cultural. Dentro desta ordem de ideias, explorar-se-ão, pois, aqueles aspectos que constam do programa de Latim dos dois tipos de alunos acima referenciados, e que o texto calpurniano naturalmente incluía, sugira ou favoreça.

[2º Ano do Ensino Secundário]

A riqueza deste texto resulta da convergência de dois factores: por um lado, o seu interesse linguístico e cultural e, por outro, aquilo a que ousaríamos chamar os seus "atractivos" imediatos, de que, aliás, o título desta comunicação procura fazer-se eco. Quantos alunos não prefeririam passar uma tarde no circo a uma tarde na escola? E quantos mais não prefeririam, se pudessem, conciliar estas duas possibilidades? É tendo presente a realidade do circo e a do mundo animal, que exercem sobre nós um fascínio quase mágico, que vos propomos algumas perspectivas didácticas que, do ponto de vista do ensino secundário, situaremos aos níveis literário, morfológico, sintáctico e cultural.

⁸ Alusão ao rio Nilo que, com frequência, alagava os campos que o circundavam.

1. Uma observação cuidada do texto em análise permite-nos descobrir nele uma estrutura circular, que não será talvez accidental, na medida em que contribui para acentuar a sua autonomia e homogeneidade no contexto da égloga a que pertence, fazendo dele como que um microcosmos face ao macrocosmos da obra na sua globalidade. O carácter circular de tal estrutura manifesta-se na escolha das formas utilizadas pelo poeta para delimitar a sua descrição — em que o verbo *uidere* e o substantivo *fera* (v. 57 e 70-71) abrem e fecham o círculo.

Como acabamos de verificar, o conteúdo desta estrutura abrange basicamente a enumeração dos animais que Córídon viu no anfiteatro romano e que o maravilharam. Nesta perspectiva, não deixa de ser curioso observar que a ordem dessa enumeração não se apresenta linear nem é tão-pouco deixada ao acaso. Verifica-se, pelo contrário, um crescendo no exotismo e no maravilhoso, à medida que os vários animais vão sendo referidos, pelo que, aos nossos olhos, se poderá dizer que toda esta estrutura é construída com base numa *gradatio*, da referenciação dos animais mais comuns para os mais exóticos: lebres, javalis, alce, touros (zebu, uro ou auroque e bisonte), focas, ursos marinhos ou polares e hipopótamo. Este crescendo no exotismo é comprovado pelo facto de os últimos animais não serem designados pelo nome respectivo mas por engenhosos processos, tais como o da aproximação e o da perífrase — caso dos zebus, uros e bisontes, a que o poeta chama simplesmente touros; das focas, designadas como vitelos marinhos; dos ursos possivelmente polares; bem como do hipopótamo, o animal disforme que, devido ao lugar onde vive, é designado pelo nome de cavalo do rio.

A escolha dos verbos de visão parece respeitar igualmente a lógica da *gradatio*: os significados de *uidere*, *cernere* e *spectare* sugerem um crescendo na intensidade da acção de ver.

E, se o exotismo constitui o traço dominante deste texto, então parece-nos oportuno sublinhar a referência às árvores de frutos dourados (*aurea...arbuta* v. 72), que curiosamente surge à margem da estrutura circular, talvez por se tratar de flora e já não de fauna. Da mesma forma, a referência ao fenómeno das águas transbordantes do Nilo (vv. 67 -8) também se enquadra na atmosfera do "maravilhoso" que se procura criar.

2. Ao nível morfológico, cumpre-nos salientar a caracterização dos animais e das árvores, por meio de uma exemplar adjectivação extensiva a todos os seres: *genus omne*, *lepores niueos*, *apros non sine cornibus*, *alcen raram*, *tauros quibus ... eminent*, *quibus ... iactantur*, *quibus ...*

iacet; monstra siluestria; uitulos aequoreos; ursis certantibus; pecus deforme; e ainda arbuta aurea.

A sequência de orações relativas que têm *tauros* por antecedente, ao mesmo tempo que oferece ao professor uma boa oportunidade para explicar aos alunos a função adjectiva destas orações⁹, quebra a eventual monotonia que um texto essencialmente descritivo por vezes encerra.

3. Do ponto de vista da sintaxe é notória a riqueza do texto em estruturas cujo domínio nos parece fundamental na aprendizagem da língua latina, como sejam as orações relativas, as infinitivas e os ablativos absolutos.

A. Relativas:

"quibus ... editur" (v. 59)

"quibus ... eminent" (vv. 60-61)

"quibus ... iactantur ..." (vv. 61-62)

"quibus ... iacet ..." (vv. 62-63)

"quod ... nascitur ..." (v. 67)

"qui ... irrigat ..." (v. 68)

B. Infinitivas:

"siluestria cernere monstra" (v. 64) (com função de sujeito)

"ruptaque uoragine terrae emersisse feras" (v. 71) (com função de complemento directo)

C. Ablativos absolutos

"ceruice leuata" (v. 60)

"uernantibus undis" (v. 68)

4. Do ponto de vista cultural, verifica-se que o texto oferece oportunidade ao professor de reflectir com os alunos sobre tópicos como:

- o papel dos *ludi circenses* na sociedade romana;
- a extensão do Império Romano no séc. I d.C., na medida em que os três continentes do Mundo Antigo, África, Ásia e Europa, se encontram aqui representados como os locais de proveniência dos vários animais.

Dado que o estudo de um texto não deve limitar-se ao espaço da sala de aula, apresentam-se, de seguida, algumas sugestões de trabalho a desenvolver pelos alunos:

9 Cf. E. Faria, *Gramática Superior da Língua Latina*, Rio de Janeiro, 1958, p. 449.

- reescrever nos vários casos do singular e do plural vários grupos nominais contidos no texto: *genus omne*; *ceruix leuata*; *aequoreus uitulus*; etc.
- recordar de forma sumária as orações relativas e infinitivas.
- visionar, por meio de diapositivos, os vários animais referidos no texto;
- visitar o Jardim Botânico e/ou o Jardim Zoológico e recolher os nomes de algumas espécies vegetais e/ou animais aí indicados em latim;
- explorar o texto ao nível da interdisciplinaridade com professores das áreas da botânica e da zoologia;
- proceder ao levantamento vocabular de alguns nomes de animais e eventual pesquisa etimológica dos vocábulos mais interessantes.

[2º Ano do Ensino Superior]

Uma observação cuidada dos versos em análise, leva-nos de imediato a verificar que eles são susceptíveis de nos oferecer algumas perspectivas didácticas a nível lexical, estilístico, métrico e cultural.

1. A nível lexical, revestem-se de interesse algumas formas nominais e verbais.

Quanto às nominais, parece estimulante uma exploração dos termos supostos ou utilizados para designar os animais. 'Hipopótamo', por exemplo, é um termo que deriva do grego ἵπποπόταμος e que significa "cavalo (ἵππος) do rio (πόταμός), particularmente do Nilo". O termo latino *hippopotamus* é utilizado por Plínio¹⁰ e Amiano Marcelino¹¹. A razão por que Calpúrnio não o utiliza, é por desconhecimento ou por motivações estilísticas e literárias.

O mesmo acontece com a 'foca': do gr. φώκη, em latim *phoca* (termo usado por Plínio e Ovídio)¹², que significa "vitelo marinho". A expressão de Calpúrnio *uitulus aequoreus* representa uma variante literária usada para designar 'foca': *uitulus marinus* (na expressão de Juvenal e Suetónio¹³) ou simplesmente *uitulus* (na expressão de Plínio)¹⁴.

10 Cf. *Nat.* 5, 10

11 22,15

12 Cf. *Plin. Nat.*, 4, 395 e *Ov. Met.* I, 200

13 Cf. *Juv.* 3, 238; *Suet. Aug.* 90.

14 *Nat.*, 2, 146.

Os vários bovídeos, incluídos no nome genérico de *tauros*, suscitam também uma pesquisa, já que alguns nomes específicos existem em latim: é o caso de *bison* = bisonte (utilizado por Plínio e Marcial)¹⁵ e de *urus* = uro ou auroque¹⁶. O termo 'zebu' oferece uma análise mais complicada já que a sua origem etimológica não é clara. Assim é que zebu também é designado por gebo, e este termo deve representar a adaptação da palavra 'geba', que significa corcova e que vem do latim *gibba* (corcova), podendo ser mesmo a evolução etimológica natural de *gibbus* (corcova, bossa).

Enfim, toda esta nomenclatura favorece o estudo de alguns étimos latinos e da sua evolução para o português, o que implica uma abordagem, mais ou menos sistematizada, dos processos fonéticos inerentes.

Das formas verbais, suscita -nos maior interesse a acumulação de verbos do mesmo campo semântico: *uidere* -ver, *cernere* -distinguir, *spectare* -observar. Um estudo semântico dos valores destes mesmos verbos, quando compostos por prefixos, revelará uma grande riqueza de significação que contribuirá de forma clara para a compreensão da formação do léxico latino.

a) Compostos de *uidere*:

prouidere = ver antecipadamente, prever

inuidere = olhar demasiado para (o que é dos outros), invejar

peruidere = ver a fundo, ver distintamente

praeuidere = ver antes, prever

b) Compostos de *cernere*:

decernere = decidir, decretar

discernere = distinguir, discernir

excernere = fazer sair, expelir

secernere = pôr de lado, separar

c) Compostos de *spectare*:

expectare = olhar de um lado, esperar

despectare = olhar de cima para

inspectare = olhar para, examinar

adspectare = olhar atentamente para, prestar atenção

15 Cf. Plin. Nat. 8,38 e Mart. Sp. 23,4

16 Cf. Caes. B.G. 6, 28, 1. O termo 'auroque' tem a mesma raiz que 'uro'. Tal termo deriva de *urochse* -alemão medieval- que evolui para *Aurochs* e, no francês, para *aurochs*, de onde vem a palavra portuguesa.

2. A nível estilístico, o texto afigura -se relativamente rico, já que além de alguns tropos, alterações do campo semântico de determinadas palavras, contém igualmente algumas figuras, modificações na organização e distribuição das palavras.

A) dentre os tropos destacam -se:

— a metáfora: *aurea...arbuta* (v. 72)

— a perífrase: *quod in illo nascitur amne* (v.67); *sed deforme pecus.../...undis* (vv. 67 -68)

B) Dentre as figuras sobressaem:

— a interrogação: *ordine quid referam?* (v.57)

— a anáfora: *hic niueos lepores* (v.58) / *hic raram...alcen* (v.59) / *quibus... eminent* (vv. 60 -61) / *quibus ...saetis* (vv.62 -63)

— a lítotes: *non sine cornibus apros* (v. 58)

— o quiasmo: *quibus aut ... aut quibus* (vv. 60 -61)

— a exclamação: *A!* (v. 69)

3) A nível métrico, o texto apresenta -se escrito num tipo de metro designado de hexâmetro dactílico, sendo o conhecimento deste metro fundamental para estudo de autores tão relevantes nas literaturas clássicas como Homero e Virgílio.

4) A nível cultural, se tivermos presente que dos animais vistos por Córídon na arena do anfiteatro neroniano, uns deviam ser oriundos das regiões alpinas ou árticas (como sucede com a lebre nívea), outros muito provavelmente da Índia (como se verifica com o zebu, também chamado *bos indicus*¹⁷ e outros certamente do Egipto (como acontece com o hipopótamo), somos levados a concluir que a vastidão geográfica do Império Romano se encontrava representada no mundo zoológico que, por certo, nessa tarde memorável terá desfilado e actuado diante do olhar atónito de Córídon.

Os *ludi circenses*, em que se integram os jogos descritos por Calpúrnio, na Ecloga VII, incluía, como facilmente se depreende, as caçadas, *uenationes* e as *naumachias*, *naumachiae*.

17 Cf. Plin, *Nat.* 18, 174.

As *uenationes*, que autores antigos como Tito Lívio¹⁸ e Plínio¹⁹ fazem remontar ao séc. II e I a.C., respectivamente, precediam, por norma, os combates de gladiadores. Efectuavam -se na arena do anfiteatro transformada, para o efeito, numa espécie de "parc de chasse de l'empereur et des romans"²⁰. Estas *uenationes* deviam produzir nos espectadores grande excitação e entusiasmo, já que nelas actuavam animais raros e exóticos, como ressalta da descrição do nosso poeta. Estes animais não só lutavam entre si, como, por vezes, lutavam também com os próprios homens²¹.

As *naumachiae* constituíam, por sua vez, um espectáculo tipicamente romano e eram um *ludus* frequentemente oferecido ao povo por personagens importantes do séc. I d.C.²². Para as naumaquias, os romanos utilizavam uma extensão de água natural²³, um lago de água salgada previamente construído²⁴ ou então a arena de um estádio ou anfiteatro inundada para o efeito²⁵. A sensação produzida por "estes simulacros de combates navais" devia ser grande, não só pela raridade como também pelo exotismo dos animais neles intervenientes, a darmos crédito à descrição de Calpúrnio (vv. 65 -68).

De tudo o que se acaba de afirmar, ressalta a enorme importância cultural, social e política de que se revestiam os jogos para a sociedade romana.

* *
*

Tal como se fez para o ensino secundário, enumeram -se, de seguida, algumas sugestões de trabalho a prosseguir pelos alunos:

- reescrever as palavras com prefixos existentes no texto e sublinhar os respectivos prefixos;
- procurar designar cientificamente os nomes dos vários animais referenciados no texto;

18 Cf. 39,22.

19 Cf. *Nat.* 8,7,19.

20 J. Aymard, *Essai sur les Chasses Romaines. Des Origines à la Fin du Siècle des Antonins*, Paris, 1951, p.185.

21 S. Barthélemy — S. Gourevitch, *Les Loisirs des Romains*, Paris, 1975, pp. 369-70.

22 *Id.*, *ibid.*, p. 354.

23 *Tac., Ann.* 12,56.

24 *Suet., Jul.*, 39,6.

25 *Mart., Sp.* 24.

- fazer a escansão métrica de alguns versos do texto;
- reflectir sobre o interesse social, cultural e político dos jogos entre os romanos, aquando do Império;
- traduzir o texto latino cujo levantamento vocabular, estilístico, literário e cultural se acaba de esboçar.

Ao findar esta comunicação, é natural que nós, à semelhança de Córion -Calpúrnio, que desejava ver de perto o jovem Nero, *iuuenis deus*, e se limitou a vê-lo de longe, não tenhamos também alcançado o objectivo que nos propúnhamos. Conscientes disso fica connosco, porém, a certeza que jamais abandonou Calpúrnio: a de, ao menos, o havermos tentado.